

TURISMO E COVID-19: ALGUMAS REFLEXÕES

Tourism and COVID-19: Some Reflections

MARIO CARLOS BENI¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a02>

RESUMO²

O texto que segue reúne material postado em minha página no Facebook¹, entre março e o último momento da presente escrita, em 2 de julho. São reflexões a partir do calor da hora, sobre a Pandemia COVID-19 que nos abate e suas implicações sobre o Turismo. A opção por publicá-las na **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, objetiva de certa forma ultrapassar a efemeridade das redes sociais que, nos seus emaranhados, muitas vezes condenam o material publicado a um apagamento silencioso.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Hypotourism; Covid-19.

ABSTRACT

The text that follows gathers material posted on my Facebook¹ page, between March and the present moment, with reflections on the COVID-19 Pandemic that is killing us and its implications for Tourism. The option to publish them in **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, aims to overcome the ephemerality of social networks that, in their labyrinthine processes, often condemn the published material to a silent disappearance.

KEYWORDS

Turismo; Covid-19; Crise dos Cem Anos; *hypotourism*.

¹ **Mario Carlo Beni** – Doutor. Professor Aposentado Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4073485939762023> E-mail: beni@usp.br

² **Processo Editorial Especial Covid-19** – Recebido: 10 JUL 20. Aceito: 10 JUL 20.

A CRISE VIRAL, NA CRISE GLOBAL

Os verdadeiros vírus consistem em partículas cujo tamanho varia desde o da menor bactéria até as pequeníssimas dimensões de algumas das mais complexas moléculas de proteína. Na sua maioria eles são simplesmente formados por uma capa de proteína, que encapsula outro componente obrigatório: um ácido nucleico DNA ou RNA. Seu formato, quando observado ou fotografado por um microscópio eletrônico, varia entre microscópicos bastonetes, pequeníssimas partículas formando microcristais icosaédricos e ultraminúsculos como girinos com o corpo alongado, ligado a um apêndice caudal. O mais impressionante desses corpúsculos ultramicroscópicos são, sem dúvida, os bacteriófagos, verdadeiros engenhos moleculares.

Como pode ser isso? É a vida...

Sim, a vida com seus enigmas, os quais desafiam a argúcia, a perícia e o alento dos melhores cientistas, dos mais atilados sábios. A crise que vivemos na atualidade, provocada pela pandemia COVID-19 se apresenta realmente como uma adversidade de pensar o universal, sufocada pelas imagens do mundo global. A crise atual não é somente financeira. Não é simplesmente econômica, política ou social, nem data de ontem. O ano 2000 chegou com seus grandes temores e não devemos esquecer que os historiadores do futuro falarão da Crise dos Cem Anos para evocar o período no qual já estamos há quase vinte anos...

Crise, crise de consciência e tomada de consciência se encadeiam uma a outra como fazem os bacteriófagos microscópicos e se reforçam mutuamente sem que por essa razão seja possível classificá-las em termos de causas e efeitos. Essa crise do universal é ao mesmo tempo uma crise de consciência planetária, uma crise de relação e uma crise dos fins. A crise da consciência planetária concerne ao nosso lugar no universo: doravante sabemos que vivemos sobre um planeta infinitamente pequeno num universo incomensurável... (20-03-2020).

O OUTRO LADO DA CRISE VIRAL...

Ao ler e pesquisar todo noticiário sobre o COVID-19, lembrei-me de um capítulo do livro *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*, de Zygmunt Bauman. Versava em um de seus capítulos, especificamente, sobre a gripe suína e outras causas do pânico. Sabendo que o Coronavírus é da mesma família molecular da SARS, ontem li-o novamente e surpreendi-me com suas revelações que ouse-a parafrasear: “Não tenho como saber se ao lerem esse artigo, vocês ainda estarão muito impactados com a pandemia que vem se alastrando e contaminando, em escala avassaladora, a grande maioria dos países em escala global. Também não posso saber se os

meus leitores se sentem apavorados ou sentem-se pressionados por estar no momento em que registro esse texto. Não tenho nem mesmo certeza se tenha havido outro pânico com as mesmas proporções que estamos vivendo. Afinal em tempo algum, que me lembre e sobre o que compilei, tenha havido um pânico coletivo na dimensão que estamos experimentando. É verdade, também, que em tempo algum a mídia dedicou tanta exposição a uma pandemia. Alimentando importantes manchetes dos jornais diários, dos noticiários da TV global e toda mídia em geral, está permanentemente abrindo espaço e chamando atenção do público para os títulos e matérias das primeiras páginas e edições especiais da TV". [...] (21-03-2020).

A PANDEMIA DO COVID-19 E A RETRATILIDADE DO TURISMO

O Turismo, mais do que qualquer outro setor da economia, apresenta uma característica de extrema sensibilidade a toda a alteração situacional, sendo extremamente retrátil a oscilações de taxa de câmbio, flutuações sazonais da demanda, riscos meteorológicos, geológicos, convulsões sociais, instabilidade política, terrorismo e riscos epidêmicos e pandêmicos que comprometam a saúde pública, como o recente surto do COVID-19. O tráfego turístico mundial já enfrentou, num passado não muito distante, a epidemia da SARS - também conhecida por Gripe Asiática - com uma discreta retração, porém nada semelhante ao que estamos enfrentando no presente.

No ano passado participei de alguns eventos nacionais sobre o *overtourism*, e não me surpreenderia se começássemos a pensar no *hypotourism*. Os dados do tráfego aéreo nacional já nos demonstram um percentual alarmante, apresentando uma retração inédita de 93% no nacional e 98% nos voos internacionais, segundo os dados divulgados pela ABEAR. Os números do setor de hotelaria, agências de viagem, eventos, feiras, convenções, exposições, transportes terrestres giram em torno sempre de mais 95% em média e, pelo que estive consultando com amigos e antigos companheiros da OMT, WTC e principalmente da Aiest e ANFORHT os percentuais são muito próximos em termos globais, e nem poderiam deixar de ser pelas rígidas e necessárias medidas tomadas pelos respectivos governos. O que me preocupa e, muito, é o *day after*, vencida a pandemia. O setor estará arrasado, descapitalizado com um tempo de recuperação, na minha opinião, de aproximadamente uma década! (26-03-2020).

A CRISE DA PANDEMIA GLOBAL NÃO SERIA O GRANDE SOMATÓRIO DAS OUTRAS CRISES?

A crise COVID-19, que já provocou milhares de mortos em tantos países, o único e principal assunto que tanto se fala hoje em dia, pelas proporções gigantescas que assumiu, apresenta-se

realmente como uma crise do pensar o universal, sufocado pelas imagens do mundo global. A crise atual não é somente na saúde pública, ela é também e principalmente financeira, econômica, política e social, e não data de ontem.

O ano 2000 chegou com seus grandes temores, e não devemos esquecer que os historiadores que fizeram uma prospecção para o futuro falaram da Crise dos Cem Anos para evocar o período no qual já entramos há algum tempo. A percepção da qual ela é objeto, aliás, faz parte integrante da crise. Esta é interpretada não somente por quem é diretamente suas vítimas, porém mais largamente por todos os que repetidamente tomam consciência de que alguma coisa mudou à sua revelia. Crise, crise de consciência e tomada de consciência se encadeiam uma e outra e se reforçam mutuamente, sem que por essa razão seja possível classificá-las em termos de causas e efeitos.

Essa crise do Coronavírus, de proporções gigantescas e ainda imprevisíveis, informa o que se previa no início do século XXI. Poderíamos afirmar que essa crise universal é ao mesmo tempo uma crise de consciência planetária, uma crise de relação e uma crise dos fins. A crise da consciência planetária concerne ao nosso lugar no universo: doravante sabemos que vivemos sobre um planeta infinitamente pequeno, num universo incomensuravelmente grande [a angústia pascaliana democratiza-se, de algum modo]. Um mundo frágil, além disso, e que tratamos mal. Essa consciência ecológica, essa má consciência, é um fato radicalmente novo na história da humanidade. E ela é reduplicada pela tomada de consciência do fato que a distância entre os mais ricos dos ricos e os mais pobres dos pobres não cessa de aumentar tanto nos países desenvolvidos como nos países emergentes e subdesenvolvidos. Fato que está no coração de toda crise de dimensão social. Já que não existimos sem os outros, sem nós eles também desaparecem... Ousando atualizar e parafrasear Marc Augé em o *Antropólogo do Mundo Global*. (02-04-2020).

COVID-19 ATRASO DA CIÊNCIA OU ACIDENTE DE PERCURSO?

Infelizmente a revolução multidisciplinar, está longe de ser generalizada e, em muitos setores, sequer teve início, notadamente no que concerne ao ser humano, vítima da grande disjunção: natureza / cultura, animalidade / humanidade, tecnologia / ciências humanas, sempre desmembrando entre sua natureza de ser vivo, estudada pela biologia. Nas ciências cognitivas, um outro elo é pesquisado, o órgão biológico, a mente, a entidade antropológica e o computador, a inteligência artificial. Mas até o presente há mais justaposição que ligação, e menos busca de uma linguagem comum que conflitos entre disciplinas de pretensão

hegemônica: ciências neurológicas, ciências físicas, teorias oriundas da informação cibernética, conceitos de auto-organização a partir de redes de conexão entre outras.

O mais grave é que as ciências cognitivas, que aglutinam disciplinas normais próprias da ciência clássica, ignoram seu problema crucial: o objeto de um conhecimento, inter e transdisciplinar da mesma natureza do instrumento de seu conhecimento. De modo que as ciências cognitivas constituem uma primeira etapa de agregação, à espera da grande virada. No que diz respeito às ciências da vida e às ciências do ser humano, a situação é bem diferente. Os prodigiosos progressos da Biologia Molecular e da Genética permitem conceber o elo entre a Física, Química e Biologia, pois é pela organização, e não pela matéria, que a vida se diferencia do mundo físico-químico.

Mas, essa organização é concebida ainda de maneira reducionista, quando simplificada em um único movimento ADN - ARN - proteínas. De fato, existem hiatos, até agora não preenchidos, entre Biologia Molecular, de um lado, e Etologia ou Parasitologia, do outro. Enquanto a Biologia Molecular esforça-se para reduzir todo o comportamento vivo a movimentos genéticos - químicos, em que outra perspectiva das ciências biológicas se desenvolveu uma visão ecológica que põe em descoberto a atuação da carga energética da física quântica na visão etológica que põem a descoberto a complexidade, das estratégias. Assim, as ciências biológicas progridem em múltiplas frentes, mas não estão coordenadas e conectadas uma as outras e continuam a levar a ideias divergentes. A confederação biológica está longe, ainda, de ser concretizada: falta-lhe, decisiva, a ideia de auto-organização. Ou de uma revisão divina... (07-04-2020).

O DELINEAR DE UM NOVO TEMPO

Passada essa pandemia que pela primeira vez na história foi de abrangência global com milhares de contaminados que foram à órbita em todos os continentes, teremos que refletir profundamente sobre os efeitos e a inevitável diástase que inevitavelmente provocará. Nós, cidadãos globais teremos que tomar algumas decisões, debatendo respectivamente em cada área que atuamos, por meio de nossas representações de classe trabalhistas, comunicando-nos com nossos representantes no Congresso Nacional, conversando com nossos amigos e, sobretudo cobrando do Estado novas experiências sociais de trabalho e emprego. Por sua vez, das Universidade e Centros de Pesquisa, como poderão ser as novas inserções trabalhistas numa era majoritariamente digitalizada e automatizada. Na verdade, esta realidade já vem acontecendo desde o início do século, com o advento da TI da informática, reduzindo drasticamente o número de empregos em todas as áreas de produção. Vejam o setor bancário

com os caixas eletrônicos e as operações *on-line* feitas pelo celular. As grandes linhas de produção totalmente automatizadas entre outras. Isso tudo já mudou o mundo há 20 anos. Agora, surge essa crise de saúde para agravar um quadro já saturado há muito tempo. Precisamos entender finalmente que, o que estamos sofrendo de há muito é uma crise Política que agora se agrava potencialmente com a pandemia COVID-19.

A grande questão é se enfrentamos essa crise de saúde que é mais premente porque envolve, como todas as demais a sociedade global, porém com a diferença que mata a curto prazo. A grande verdade é que agora estamos experimentando as consequências da desigualdade do mundo real e digital, os avanços incríveis que conquistamos e, paralelamente, as inesperadas e imensas consequências dessas conquistas, no tecido social.

Alguém está pensando nisso? Essa não é uma questão dos países isoladamente é uma questão de Política Global! (13-04-2020).

PANDEMIA X CRESCIMENTO GLOBAL

O relatório divulgado em 16 de abril pelo Fundo Monetário Internacional informa-nos que atingimos a marca de 120 mil óbitos pelo COVID-19 em todo mundo. O FMI fala na pior recessão global, desde a Grande Depressão, em 1929. A perda cumulativa para o PIB global entre 2020 e 2021 pode girar em torno de US\$ 9 trilhões, mais do que as economias do Japão e da Alemanha combinadas. Em meio à pandemia, a atividade econômica deve cair 3% em 2020 e crescer 5,8% em 2021.

Os EUA deverão ter retração de 5,9% neste ano, com recuperação de 4,7% em 2021. Segundo o relatório, há uma relação entre a eficácia no controle da crise de saúde e a perspectiva econômica. O EUA é hoje o país com maior número de casos de Coronavírus. Na zona do Euro, também severamente afetada pela pandemia, com consequência especialmente grave na Itália e na Espanha, o encolhimento previsto para 2020 é 7,5% com alta de 4,7% em 2021. Já a China e a Índia, devem conseguir resultados modestamente positivos, apesar da recessão mundial. A economia chinesa deve crescer 1,2% neste ano e mais 9,2% no ano que vem. Para Índia, o FMI prevê expansão de 1,9% em 2020 e de 7,4% em 2021.

Já a nosso cenário é mais preocupante, depois de três anos de leve recuperação, em que o país conseguiu ao menos reduzir as consequências da retração de 7% no PIB acumulados nos anos de 2015 e 2016, a crise gerada pela pandemia do Coronavírus poderá apagar todo e qualquer avanço feito ao longo da última década. Caso a projeção de queda de 5,3% do PIB brasileiro feita

pelo FMI se confirme em 2020, o país voltará ao patamar de riquezas que exibiu no ano 2010, segundo cálculo do Itaú Unibanco. De acordo com a instituição, com a retração de 5,3% a economia brasileira encerraria o ano de 2020 com o PIB de 6,87 trilhões, patamar muito semelhante aos R\$ 6,83 trilhões, exibidos há 11 anos e bem distantes dos valores próximos de R\$ 7,5 trilhões de 2013 e 2014, picos da economia local antes do início da recessão causadas por desequilíbrios internos de 2015 e 2016. Caso essa estimativa do FMI se confirme será uma década perdida... (16-04-2020).

PANDEMIA E RECESSÃO GLOBAL

Quero crer que ao ler este texto, o leitor esteja ainda muito assustado com o fantasma da pandemia do COVID-19 e sua inevitável consequência na saúde e na economia global. Este vírus proveniente da China, que atravessou todos os oceanos e contaminou fortemente centenas de países de todos os continentes, chegando às nossas portas. Também não posso saber se as pessoas em todos os países contaminados pela presente peste se sentem tão apavoradas com tal perspectiva quanto as pessoas que me cercam [ou se sentem pressionadas a estar]. No momento em que escrevo estas palavras, estamos isolados Sonia, minha mulher e eu, há 45 dias no nosso apartamento no Guarujá. O que nos causa ainda pânico é o tempo que esta pandemia ganha nas principais manchetes dos jornais e o maior tempo de TV. Nunca um assunto como esse dominou durante tanto tempo a mídia global, avançando pelas redes sociais em todos seus sites. No que se refere ao pânico, quanto mais intenso e terríveis forem, mais depressa exaurem nossas reservas emocionais e sua própria capacidade de nos aterrorizar e enervar, deixando-nos em imenso desconforto.

No que se refere a governança global da crise, liderada pela OMS, alguns políticos a estão usando para pregar o ódio contra estrangeiros, a intolerâncias às minorias, afirmando que devemos nos preocupar apenas com nós mesmos, fechando fronteiras e abandonando a democracia. A grande questão é se enfrentamos esta crise como uma sociedade global, por meio da solidariedade e cooperação entre países. Se lidamos com ela por meio da solidariedade e cooperação entre países, ou se agimos com ela por meio do isolacionismo nacionalista e da concorrência.

O Brasil e outros países da América do Sul e Oriente Médio não serão capazes de lidar com essa dupla crise na saúde e na economia, a menos que recebam ajuda dos países mais ricos. Nos últimos anos, as relações entre países se deterioraram. E agora estamos pagando o preço por isso. Esperamos que não seja tarde demais para reverter esse cenário. Da mesma forma, se pensarmos simplesmente na situação econômica, agora é hora, ou até já passou da hora, de

organizações internacionais como a ONU, o FMI e o Banco mundial, aliados aos países mais ricos, criarem uma rede de segurança global, para garantir que nenhum país caia em completo caos econômico nesta imprevisível recessão global, que já estamos experimentando inexoravelmente. (16-04-2020).

A NECESSÁRIA MUDANÇA NAS MÍDIAS SOCIAIS

Na realidade as mídias sociais conferiram um status à celebridade individual, que poucos mortais conseguem ser. O que, afinal, é uma celebridade senão o derradeiro evento midiático humano, deliberadamente fabricado para satisfazer nossas expectativas exageradas de grandeza humana? Trata-se da mais moderna e atualizada história de sucesso do século XXI e de sua busca para ilusão. De alguma maneira, o mundo que temos observado está além do bem e do mal. É um mundo de sentimentalismos, de disfarces, de pessoas dispostas a derramar lágrimas perante todo o universo, dizendo coisas indefensáveis, confiando que o público conectado à rede as amará de qualquer maneira. Elas justificam sua necessidade e defendem seu ponto de vista na frente de todos, algo de uma irracionalidade incomensurável. Em vez de dizer coisas construtivas e voltadas ao bem comum.

Superada essa crise sanitária do COVID-19, muitos não perceberam ainda, que já não estaremos no mesmo tempo de sua disseminação. O *day after* dessa pandemia se desdobrará com a imensa e maior recessão global até então experimentada, superando a crise econômica de 1929 numa proporção jamais vista. Este fato, nos levará à uma nova era de ações de convergência, cooperação interativa e compartilhamento entre Estado, Iniciativa Privada e Sociedade. Essas medidas, deverão ser obrigatoriamente em nível global. Decididamente emprestando um novo protagonismo das redes sociais em benefício da humanidade. (22-04-2020).

OVERTOURISM X YNFOTOURISM

Cheguei a postar sobre o *overtourism* ano passado quando experimentamos o pico da demanda na Europa, notadamente Barcelona, Veneza e Lisboa, entre outros destinos. O tráfego turístico receptivo mundial em 2019 foi de 1.645,9 bilhões, só a América do Norte com 149 milhões de turistas e na Europa com 681,9 milhões, os dois representando mais de 60% do tráfego mundial. América do Sul com 140 milhões e o Brasil com 0,76%, ou seja, 7 milhões de chegadas.

Em 2019 brasileiros gastaram no exterior cerca de US\$ 19 bilhões, enquanto nosso receptivo internacional contribuiu com US\$ 5,8 bilhões. Isso representa um déficit de US\$13 bilhões.

Enquanto nosso tráfego doméstico foi 84.637 milhões. A contribuição do Turismo à economia global representa 129 milhões de postos de trabalho diretos e indiretos e é de US\$ 8,7 trilhões.

Turismo está sujeito a vetores de transformação de diferentes origens advindas da ausência de sustentabilidades: ambientais, sociais, econômicas e político institucionais. Com a pandemia do COVID-19 o eixo do setor girou em 180 graus e saímos do *Overtourism* para o *Ynfotourism* o qual, somente uma Governança Global nos reconduzirá ao ponto alcançado 2019 em conjunto com a recuperação econômica global face a brutal e inédita recessão.

Nesta linha de raciocínio tenho trabalhado a tese de uma governança global liderada pela ONU, OMT, FMI e Banco Mundial. Tenho demonstrado em alguma *lives* o risco de perdemos uma década, e sobre que a única maneira de não retrocedermos à 2010, seria a utilização global regional e local das TI direcionadas à completa implementação das *Destination Manager Organization* [DMOs]. Instrumento mais completo para, com estrutura informatizada, agregadora e conciliadora, reunir a dinâmica de todos os atores sociais e agentes institucionais para uma verdadeira governança global pública, privada e do terceiro setor, para constituir-se um vetor agregador de forças necessárias para assegurar o necessário e imprescindível gerenciamento, monitoramento, avaliação e controle como também, assegurar a estabilidade e sustentabilidade dos *clusters* de Turismo. Com a necessária e imprescindível marco regulatório para as plataformas de reserva e distribuição dos serviços e produtos turísticos. (23-04-2020).

MODERNIDADE E HIPERMODERNIDADE.

A Modernidade é aquela que, reconciliada com os seus princípios de base [a democracia, os direitos humanos, o mercado] já não tem um contra modelo credível e não para de reciclar na sua ordem, os elementos pré-modernos que outrora eram objetos a serem erradicados. A lógica Pós-Moderna de conquista social foi substituída por uma lógica corporativista de defesa das vantagens sociais. A Modernidade da qual saímos era negadora, a Pós-Modernidade aproximadora e, a Hipermodernidade, integradora. Já não se trata da destruição do passado, mas de sua reintegração, da sua reformulação no quadro das lógicas modernas do mercado, do consumo e da individualidade. Quando mesmo o não moderno revela o primado de si e funciona segundo um processo pós-tradicional, quando a cultura do passado já não é obstáculo à modernização individualista e comercial, aprece uma nova fase da Modernidade. Do pós ao hiper: a Pós-Modernidade apenas terá sido um estado de transição, um momento de curta duração.

E este já não é o nosso. Como afirma Gilles Lipovetsky em seu livro *Os tempos Hipermodernos*:

Sempre são muitas perturbações que convidam a examinar um pouco mais de perto o regime do tempo social que governa nossa época. O passado ressurgiu. As inquietudes do futuro substituem a mística do progresso. O presente ganha uma importância crescente sob o efeito do desenvolvimento dos mercados financeiros das redes sociais e da Web com o esperado 5G – [quinta geração da Internet móvel], dos costumes individualistas e do tempo livre. Por todo lado, a velocidade das operações e das mudanças acelera-se exponencialmente, o tempo falta e torna-se um problema ao impor-se no centro de novas crises e conflitos sociais como o da presente pandemia do COVID-19. Tempo de escolha, horários flexíveis, tempo de lazer, dos jovens da terceira e quarta idade: a hipermodernidade multiplicou as temporalidades divergentes. (28-04-2020).

PARA ONDE FORAM TODOS?

Sentimos falta de comunidade, ausência da família, dos amigos, ausência de segurança, qualidade fundamental para uma vida feliz, mas que o mundo que habitamos é cada vez menos capaz de oferecer e mais relutante em prometer. Lembramo-nos dessa ausência mais intensamente quando atravessamos uma crise como esta, provocada pelo COVID-19, que nos separa, isola e amedronta. Mas a comunidade continua teimosamente em falta, escapa do nosso alcance, toma suas próprias decisões, teimam que se trata de uma gripezinha passageira, Isolamento social, que despropósito é este?

Na verdade, entendemos esta reação de muitos que pensam assim, se deixarem o trabalho informal ou mesmo formal como irão alimentar suas famílias? Não lhes tiro a razão, o desemprego é cada vez mais avassalador em seu incontido crescimento, porque como o mundo nos estimula a realizar, os nossos sonhos de uma vida segura não nos aproxima de sua realização; em lugar de ser mitigada, nossa insegurança aumenta, e agora com essa pandemia sem precedentes, cresce exponencialmente, assim continuamos sonhando, tentando e fracassando.

A insegurança afeta a todos nós, imersos que estamos num mundo cada vez mais fluido e imprevisível de desregulamentação, flexibilidade, competitividade e incerteza, mas cada um de nós sofre a ansiedade por conta própria, com problema privado, como resultado de falhas pessoais e como desafio ao nosso desempenho pessoal e profissional e respectivas habilidades e competências. Somos convocados com acidez, a buscar soluções biográficas para contradições sistêmicas; procuramos a salvação individual de problemas compartilhados. Essa estratégia provavelmente não dará o resultado que perseguimos, pois deixa intactas as raízes da

insegurança; além disso, é precisamente essa dependência de nossa consciência e recursos individuais que produz no mundo a indecisão da qual queremos escapar. (01-05-2020).

SOLIDÃO SOCIAL

Este isolamento social que estamos experimentando há mais de dois meses, face ao COVID-19, somado às diferentes acepções de tempo perdido correspondentes, abrem um campo imenso à observação antropológica. Uma antropologia da solidão que se pretende de proteção e preservação, portanto, elucidativa deveria trazer à luz seus mais clássicos parâmetros, como a filiação e a aliança [por meio de extensão das diversas formas de isolamento, de surgimento de famílias recompostas, de famílias monoparentais, ou casais homossexuais], a residência [pela distância do local de trabalho, das dificuldades de alojamento e da extensão da malha urbana para o necessário deslocamento e necessário isolamento] e a geração, e mais largamente as relações de amizade e de compadrio e convivência que, como vimos, já não dependem mais do ambiente profissional. Essa antropologia da solidão poderia ser aplicada em diferentes domínios nos quais a tensão global/local é sensível, como o Turismo.

A bolha imobiliária, num país com alguns destinos de Turismo como Barcelona, Veneza, Paris, Roma, entre outros, que ainda em 2019 experimentaram uma hiper ocupação de turistas levando a sérios problemas de densidade ocupacional urbana e superlotação de seus espaços em certa medida poderia até ser definida como uma patologia do não lugar. Os espaços de concentração turística destinados aos tempos livres da vida ativa multiplicaram-se ao infinito, sem a mínima preocupação das necessárias cautelas espaciais de capacidade de carga, monitoramento e manejo ao ponto de saturar a demanda, a qual, agora, com a pandemia presente se esgota completamente. Mas uma interpretação otimista desse aspecto, passada essa crise sanitária e sobretudo econômico-financeira poderia corrigir aquele cenário inconsequente com uma reação saudável de sustentabilidade a esses destinos e muitos outros em todo mundo. (06-05-2020).

TURISTAS EXTRATERRITORIAIS COSMOPOLITAS?

O COVID-19 conseguiu estancar durante esse tempo da pandemia até aqueles que fazem do mundo sua habitação habitual. Aqueles que não tem endereço permanente a não ser o número de seu celular e Whatsapp. A nova elite itinerante global não é definida por qualquer localidade: é em verdade plenamente extraterritorial. Só a extraterritorialidade é garantida contra a

comunidade, e a nova elite global que, exceto pela companhia inevitável [e às vezes até agradável] dos comissários de bordo, dos maîtres, arrumadeiras, garçons e barmans, é sua única detentora e quer que assim seja.

Um estudo sobre a globalização cultural, realizado pela universidade de Virgínia, EUA, conclui que homens e mulheres representativos dos novos extraterritoriais, não tem dúvidas sobre isso. Eles veem as fronteiras nacionais e os Estados-Nação como cada vez mais irrelevantes para as principais ações da vida do século XXI. Pensam quase que em sua unanimidade, que as únicas pessoas a se preocuparem com as fronteiras nacionais são os políticos.

Creio que esta pandemia que estamos vivendo, faz-nos refletir sobre esses viajantes globais. Ser extraterritorial não significa, no entanto, ser portador de uma nova síntese cultural global, ou mesmo estabelecer laços e canais de comunicação entre áreas e tradições culturais. Há uma interface muito estreita, se houver alguma, entre o território da extraterritorialidade e as terras em que seus vários postos avançados e hospedarias intermediária por acaso se situam. Independente de outros conteúdos associados a ele, o cosmopolitismo da nova elite global é certamente seletivo. E singularmente inadequado para o papel de cultura global: o modelo não pode ser espalhado ou mesmo espelhado, disseminado, compartilhado, universalmente, usado como padrão a imitar num proselitismo e conversão.

Como tal, é diferente das culturas que conhecemos e sobre as quais ouvimos falar, aqueles diferentes modelos da vida decente e apropriada que, durante a era moderna, costumavam ser expostos aos olhos do povo por seus líderes intelectuais, professores, pregadores e outros reformadores. O estilo de vida cosmopolita dos novos atores em secessão não constitui exemplo para as massas. O que este estilo de vida celebra é acima de tudo a irrelevância do lugar, uma condição inteiramente fora do alcance das pessoas comuns, dos nativos estreitamente presos ao chão, estreitamente ligados à sua terra e que [caso decidam desconsiderar os grilhões] vão encontrar no amplo mundo lá fora, funcionários da imigração pouco amigáveis e severos em lugar dos sorridentes recepcionistas dos hotéis. A mensagem do modo cosmopolita de ser é breve e firme: não importa onde estamos, o que realmente é importante é que estejamos lá. (08-05-2020).

DIA NACIONAL DO TURISMO

Falar de Turismo num momento como o que estamos vivendo, é muito difícil. Na verdade, a pandemia selou uma fase que já tínhamos experimentando há uns dez anos com muitas baixas

em sua atividade. O Turismo está sujeito a vetores de transformação de diferentes origens, advindas da ausência de sustentabilidades: ambientais, sociais, culturais, econômicas e político institucionais. Nos últimos dez anos houve um exponencial salto de consumo, conduzido por novos padrões e valores da sociedade, da família, e principalmente pelas inovações tecnológicas, globalizadas, que alteraram significativamente o mercado de viagens.

Se por um lado os novos sites de reservas e serviços facilitaram ao consumidor, proporcionando-lhe organizar sua própria viagem por completo, usando apenas seu celular. Por outro, centenas de empresas foram comprometidas, não só as pequenas, mas também as médias e grandes como a Thomas Cook e tantas outras, tirando o trabalho de milhares de pessoas. A análise de tendências do mercado, antes da COVID-19, já revelava com a reserva e vendas de serviços *on-line*, uma concorrência desleal, predatória e desregulada. Com a pandemia instalada este cenário agravou-se globalmente, atingindo duramente todos os segmentos do setor. Agora o mundo exige toda nossa capacidade de transformação para um novo tempo começando urgentemente pelo regramento a partir da OMT e de seus países membros face a inconsequente concorrência predatória dessas plataformas de grandes grupos internacionais que sequer são taxados de qualquer contribuição tributária. À luta companheiros! (08-05-2020).

TEMPOS DEPOIS DA PANDEMIA...

Passadas as incertezas do COVID-19, encontrada a vacina que elimina o vírus facinora, superados o terror da contaminação das centenas de milhares de vítimas fatais dessa pandemia, prosseguiremos ainda, e teremos que enfrentar os efeitos deletérios, igualmente degradantes da economia, debilitada e claudicante pela terrível recessão experimentada no sistema produtivo e consequente desemprego massivo e imprevisível. Essa triste e inevitável realidade nos levará inapelavelmente a um novo tempo e se constituirá provavelmente no marco divisor de uma nova era de profunda transição econômica, social, cultural e sobretudo tecnológica hegemônica.

Aos que estão no mercado de trabalho, a maioria, deverá celeremente reciclar-se. Hoje, de maneira mais rápida e acessível pelos cursos em EAD, Somente assim conseguirão adaptar-se às novas demandas para inserir-se neste novo tempo de predominância de alta tecnologia 5G, o próximo processo evolutivo para a banda larga sem fio, elevando muito as potencialidades da rede atual. Provavelmente você será selecionado por um conjunto de algoritmos que escolherão com precisão o que cada pessoa experimenta e será capaz de fazer. Por um novo componente denominado *feed*, sistema de recomendação ou personalização.

É muito importante saber escolher. Geralmente disto dependerá a sua vida. Fundamente-se no bom juízo e no pensar correto, valores universais, para os quais não bastam inteligência, habilidades e competências. É necessário, sobretudo, discernimento. Sem ele não existe capacidade para escolher. Aqueles que não desenvolvem esta qualidade se enredam com o pior, de tal forma que parecem estar amarrados ao erro. O bom discernimento é um dos mais altos dons que se podem ser adquiridos para se vencer na vida e, esta característica da personalidade felizmente ainda não mudou... E, talvez será a mais importante na aprovação dos algoritmos programados no processo de seleção na submissão do *feed*... (15-05-2020).

DEPOIS DA CRISE DO COVID-19 A IMPREVISÍVEL RECESSÃO ECONÔMICA

Ninguém sabe ao certo o que ainda vem por aí, quantas demissões já aconteceram na atual crise financeira mundial já em pleno curso. No mundo todo, a economia está se não estagnada, retrocedendo. Os dados estatísticos da atividade econômica e da produção de riqueza demonstram uma queda rápida ou a iminência de uma recessão sem precedentes, provocando filas imensas de pessoas que recorrem ao seguro-desemprego numa proporção que a atual geração jamais presenciou.

É pouco, muito pouco o que os governos centrais podem fazer para segurar a onda, porque a dependência global e o entrelaçamento das economias os impedem de chegar às raízes distantes dos problemas locais, gerados por uma pandemia global. A crise do crédito propagou-se com a rapidez de um raio, para os países mais remotos, revelando a imensa densidade da interdependência da economia mundial. Em termos gerais, as fileiras dos demitidos só fazem crescer em todo mundo, fato que diminui ainda mais o consumo global, acrescido do fechamento do comércio excetuando-se os de abastecimento alimentar, acelerando o número de desempregados, e por aí vai.

É um círculo vicioso, uma cadeia retroalimentada de causas e efeitos que ninguém sabe como deter ou mesmo desacelerar. Medidas tomadas por vários governos no mundo inteiro têm produzido até agora resultados medíocres ou não mostraram efeitos algum no que diz respeito ao emprego. De uma coisa podemos ter certeza, nos próximos anos [quem sabe por quanto tempo?] haverá menos empregos disponíveis e mais pessoas correndo atrás deles. Essas observações deprimentes deixaram de ser novidades. Mas, somente agora estamos começando a refletir a respeito das prováveis consequências e das novas condições econômicas, ainda não de todo exploradas, sobre importantes aspectos de nossa vida cotidiana, como a forma e a divisão das tarefas no interior da família. Só podemos especular acerca da gravidade e extensão

dessas possíveis consequências, como poderão mudar nossos relacionamentos e padrões de interação cotidianos, ou nossa maneira de pensar sobre isso e as formas que desejaríamos que essas mudanças assumissem. (16-05-2020).

ENTENDO O NOVO TURISMO NA ECONOMIA COLABORATIVA E COMPARTILHADA - A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E OS IMPACTOS NA GESTÃO ESTRATÉGICA e NO MARKETING DO TURISMO: e-TOURISM.

As ferramentas tecnológicas ofereceram oportunidades sem precedentes para o controle de gestão e coordenação do setor, muito embora, nunca tenham sido devida e necessariamente regulamentadas pela OMT, como seria indispensável. As tecnologias de informação e comunicação [TIC] devem ser consideradas como uma gama completa de tecnologias eletrônicas, de computação e de telecomunicação, incluindo todo o *hardware*, *netware* e *software* necessários para o desenvolvimento e operacionalização da info-estrutura de uma organização.

A convergência observada nos últimos dez anos entre a Internet e as TIC integrou efetivamente toda a gama/conjunto de *hardware*, *software*, *groupware*, *netware* e *human ware* e torna tênues as fronteiras entre os equipamentos e *softwares*. Assim, as TIC são um sistema integrado de *software* e equipamentos conectados em rede, que permitem o processamento eficaz de dados e comunicação para o desempenho das empresas operadoras de Turismo. O que provocou uma verdadeira diástase nas operações e transações no Turismo, mudando a forma o formato e todo o aparato.

A Internet permite a distribuição imediata de informações e serviços de forma global e veio revolucionar a interatividade entre os usuários do computador em sua forma mais portátil: os celulares. Funciona como uma janela para o mundo exterior e facilita a interatividade entre as organizações e grandes corporações em nível mundial, instituindo uma plataforma inovadora para a troca eficiente e imediata de ideias e produtos. Proporciona, também, oportunidades sem precedentes para a gestão interativa e de marketing para todos os prestadores de trabalho e serviços, provocando a maioria dos processos de negócio a redesenharem suas atividades no sentido de obter e capitalizar as vantagens ofertadas pelas novas realidades dos negócios.

Porém, o Estado, as organizações governamentais do setor e sobretudo a OMT esqueceram do principal: a regulamentação, o regramento imprescindível deste novo mundo que cresce e se agiganta com a fusão permanente das grandes corporações internacionais que não recolhem

impostos, taxas e aniquilam a cada dia empresas tradicionais como a Thomas Cook, a primeira agencia de viagem do mundo, fundada no século XIX e até pouco tempo uma das maiores do mundo... (22-05-2020).

O MERCADO DE TURISMO ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA

A análise de tendências do mercado global de Turismo antes do COVID-19 já revelava com as novas plataformas e sites de reserva e vendas de serviço pela web através das grandes corporações que foram constituídas nos últimos anos, uma concorrência de intensa feracidade, abjurante, predatória e totalmente desregrada, propiciando a formação de imensos cartéis, monopólios e oligopólios. A OMT deveria ter tomado enérgicas providências emitindo um marco regulatório para essa concorrência desproporcional salvando assim muitas pequenas, médias e grandes empresas que tiveram que vender, encerrar suas atividades ou se associar com as megacorporações.

Operadoras poderosas internacionais e cadeias hoteleiras muito bem instaladas em seus mercados, incapazes, porém de reduzir seus custos, perdendo cada vez mais competitividade venderam rapidamente suas empresas. O WTCC chegou a prever queda inicial de 45% do faturamento, passando logo a seguir para 60%. É imperativo reorganizar globalmente a cadeia produtiva do Turismo, com o urgente e inadiável regramento dos sites de reserva e serviços. Hotéis viram a taxa de ocupação caírem mais de 80% desde 15 de março do ano corrente, já no início da pandemia. As agências de viagem registraram números semelhantes. Nos transportes aéreos os voos nacionais caíram 85% e os internacionais chegaram a 95%. (23-05-2020).

RECOMEÇO DO TURISMO PÓS PANDEMIA.

Muitos operadores e integrantes da cadeia produtiva de serviços em Turismo estão com justificada ansiedade e apreensão sobre o reinício da atividade no país. É evidente que será um processo lento, inicialmente impulsionado pelo turismo de negócios, aqueles que precisam viajar com frequência em razão de suas atividades profissionais. Portanto, o setor aéreo e o hoteleiro serão os primeiros equipamentos a serem retomados com razoável volume. A este setor se juntarão o de locação de veículos e alimentos e bebidas.

O setor de Eventos retomará sua agenda imediatamente após esse período, retomando seus compromissos adiados e muito prejudicada, de Feiras, Congressos, Convenções e

Entretenimentos. O turismo de Lazer terá uma recuperação mais lenta, porém necessita de uma urgente política de incentivos e promoção direcionada. Iniciando pelos Estados, incentivando à ascensão de suas regiões turísticas, ao mesmo tempo que incentivará o Turismo doméstico nos Estados promovendo viagens de incentivo aos destinos tradicionais. Paralelamente, devemos investir no turismo sul americano, que representa 36% do tráfego turístico mundial avançando para os países da América no Caribe acrescentando um potencial de 26% do tráfego turístico mundial. Em 2019, o Brasil recebeu 0,73% do tráfego turístico mundial que foi de 1,367,5 bilhões. Para que isto possa acontecer é imperativo mudar a malha aérea sul americana para obter mais frequência de voos entre seus respectivos países.

Para melhorar a inserção dos países ibero-americanos no mercado internacional, é necessário implementar esforços nacionais e regionais com projetos que considerem multidestinos, agregando serviços e equipamentos de qualidade e competitivos a roteiros transnacionais no continente, em circuitos regionais temáticos face as características do patrimônio cultural e os ecossistemas nas extensões territoriais e transnacionais, como o que verificamos no Caribe. Isso e que poderá ser planejado e executado no verão austral do Cone Sul, com visitas a Patagônia até o Cabo Horn, na Cordilheira dos Andes; nas regiões lacustres do Chile e da Argentina; nas diversas rotas que já integram o chamado mundo Maia, compreendendo a participação do México, Guatemala, El Salvador e Honduras; os circuitos de capitais cosmopolitas sul americanas como Santiago, Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro; o litoral do Nordeste brasileiro; a Bacia Amazônica, compreendendo Brasil, Colômbia, Equador e Peru; o Altiplano Boliviano e o roteiro dos Incas; e os circuitos estruturados em torno das cataratas do Iguaçu no Brasil e Argentina; as rotas jesuíticas na Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil.

As possibilidades múltiplas para apresentar ao mundo o produto turístico ibero-americano foram elencadas, os esforços para a integração da América Latina já foram iniciados, restando agora a união efetiva entre seus povos e governantes e o grande desafio de sua concretização. (25-05-2020).

A ASCENSÃO DOS INFOMONOPÓLIOS

A Internet permite a distribuição imediata de informações e serviços em todo mundo e veio revolucionar a interatividade entre os usuários do computador e os servidores. Funciona como uma janela para o mundo exterior e facilita a interatividade entre as corporações em nível mundial, instituindo plataformas inovadoras para a troca eficiente e imediata de ideias e produtos. Proporciona, também, oportunidades sem precedentes para a gestão interativa de

marketing para todos os prestadores de trabalho e serviço. Como resultado, a maioria dos processos de negócio estão crescendo exponencialmente sem precedentes para a gestão interativa para todos os prestadores de serviço. Considera-se, ainda, o trabalho das *startups*, usinas ininterruptas de novos sistemas e dos novos processos de capitalização com as vantagens de novas realidades de negócios. Estão representando, potencialmente, um enorme salto à frente, com o poder da mente e imaginação, substituindo não apenas o capital, a energia e os recursos, mas também o trabalho embrutecedor.

Mas, se a extra inteligência produz uma 'melhor' maneira de viver irá também depender, em parte, da inteligência social e política que orienta seu desenvolvimento geral com regulamentação e sustentabilidade jurídica. Quanto mais automatizadas e extra inteligentes nossas redes se tornarem, tanto mais a tomada de decisões humanas ficará invisível e lenta no regramento das novas conquistas. Já estamos experimentando uma realidade desafiante com as plataformas inovadoras de fornecimento de produtos e serviços. Vemos estarecidos o surgimento célere de um gigantesco monopólio privado que irá em breve controlar todas as informações - o que parecia altamente improvável começa a despontar e já estão se fazendo sentir em alguns setores, como o do Turismo, por exemplo, no qual as plataformas estão se agrupando em colossais monopólios, prejudicando setores como a hotelaria, agências de viagem e organizadoras de eventos, fazendo com que grandes empresas comecem a pedir recuperação judicial. E, o que é mais grave, essas empresas que atuam nas plataformas, sem incidência de tributos e controle fiscal, sem nenhum marco normativo da OMT e de seus países membros. (01-06-2020).

FAKE NEWS...INFOTÁTICAS?

Hoje, vivemos numa época quando os meios de comunicação instantâneos, principalmente o WhatsApp, transforma-se numa metralhadora digital, atirando inverdades, meias-verdades insinuações maldosas, incitações deliberadas e ininterruptas para o desconforto da sociedade em nome da atualidade informativa. Um verdadeiro bombardeio de imagens, símbolos e 'fatos' que concorrem entre si. No entanto, quanto mais dados, informações e conhecimento são divulgados na tarefa de governar, legislar e julgar, vamos penetrando mais fundo na *sociedade da Informação*, mais difícil poderá ficar para alguém - inclusive os líderes políticos, do executivo do legislativo e do judiciário - saber realmente o que está acontecendo. E o povo? Este, já no Império Romano se contentava com pão e circo.

Muito tem sido escrito sobre a maneira pela qual a televisão, a imprensa e os celulares distorcem a nossa imagem da realidade devido os vieses conscientes, censura, e até mesmo por descuido ou intencionalidade. Temos discutido e questionado na área de Ciências da Comunicação a objetividade política dos meios impressos eletrônicos. No entanto, há um nível de distorção mais profundo que tem sido pouco pesquisado, analisado ou compreendido. Nessa crise política que estamos vivenciando em todos os países pela pandemia e, especialmente, no nosso País, que se acrescenta a ela toda tribulação experimentada nos últimos meses pelas três esferas de governo - políticos, burocratas, bem como os militares que atuam em grande número no executivo, bem como os partidos e militantes, somados aos grupos de pressão das empresas, e a crescente onda de grupos de cidadãos. Todos começaram a utilizar-se massivamente das *infotáticas*, tratando-se de ações e manobras baseadas na manipulação das informações, na maior parte, antes mesmo delas chegarem aos meios de divulgação. Com o conhecimento em todas as suas formas tornando-se mais essencial para o poder, com dados, informações e conhecimento amontoando-se e saindo aos borbotões de nossos computadores e *smartphones*, as infotáticas irão tornar-se cada vez mais importantes na vida política. (02-06-2020).

CADA NOVO TEMPO TRAZ SUAS PRÓPRIAS LEIS.

Novamente sopram os ventos da incerteza sobre o mundo. Não é a primeira vez e não será a última. Os ciclos das crises sucedem-se e as razões são sempre mais ou menos óbvias: perda de controle, ganância, desonestidade e falta de planejamento a longo prazo. Ambições desmedidas. A antiga desmesura grega, a *hybris* que nos acomete quando perdemos a noção de nossos próprios limites, perdura nas sociedades atuais, lembrando que a loucura humana perpassa a história.

Vivemos ainda, nos dias atuais, a mega pandemia do COVID-19. O que mudou na contemporaneidade global? O mundo converteu-se num pesadelo real e virtual acrescido de uma pandemia que desestabilizou a economia mundial, levando-nos inapelavelmente a uma recessão sem precedentes que desestabilizou o planeta. Os conceitos de democracia e liberdade estão desaparecendo para dar lugar a uma ditadura *hightech*, bases na vigilância e monitoramento de grandes corporações e conglomerados empresariais. Agora, mais do que nunca, nesse novo tempo que teremos à frente após pandemia e suas consequências exponenciais na retratibilidade da produção e do consumo.

É imperativo passar de um superado modelo burocrático, prestador e concessionário de serviços, para um modelo empreendedor, de corresponsabilidade social, solidária, a que o

Estado deve prestar decisiva colaboração em conjunto com a iniciativa privada e o terceiro setor. Esta é uma estratégia impreterível, compulsória para que não se perca uma década para chegar onde já estávamos. Tal ação interativa certamente representará um esforço hercúleo na construção de um modelo de desenvolvimento integral, integrado e sustentável, possibilitando superar paulatinamente a reprodução da pobreza e a exclusão social provocadas pelo aumento das desigualdades, da internacionalização de uma recessão econômica jamais experimentada. (14-06-2020).

CONSUMO NA HIPERMODERNIDADE.

O consumidor da hipermodernidade já, de há muito, deixou de ser o mesmo da pós-modernidade. Está, cada vez mais, se transformando em hiper transformador, informatizado, tem à mão seu celular e quase todas as informações que necessita: sites de reservas, mapas de localização, GPS ultra detalhado de informações e atualizado a cada dia e múltiplas outras informações, que estão sendo ainda, mais aperfeiçoadas com a tecnologia 5G. Portanto aqueles que pareciam ter chegado ao ponto final, na verdade estão ainda chegando ao ponto de partida, o que passa a exigir das organizações em rede uma mudança ainda maior na disponibilidade de dados e informações, que somente ainda não estão disponíveis por negligência das governanças locais e das políticas público-privadas do setor.

O esforço preliminar tem funcionado como fator catalizador no processo de comando voltado ao crescimento sustentável e à logística de governança. Porém, sentimos, mesmo em regiões mais avançadas da Europa, a ausência desse esforço organizacional e catalizador de implantação de redes de cooperação. Essas tiveram início em razão das iniciativas da governança pública-privada efetivamente consensuada e colocada em prática em razão de uma efetiva e eficiente participação dos prestadores de serviço do Turismo. É importante destacar a respeito dessas organizações bem-sucedidas, principalmente nos países nórdicos, que o papel do comando é crítico. As melhores direções, devem arcar com as mudanças no sistema, na estrutura organizacional e cultura das partes que integram as redes de informações e serviços.

A mais importante tarefa, entretanto, é efetuar a mudança em base cultural das partes, de acordo com o que se pretende as *Destination Marketing Organizations* ou ainda *Destination Management Organization* - conhecidas como DMOs - com relevante liderança dos agentes no processo de mudança. É muito importante perceber e interpretar corretamente o papel das DMOs que monitoram e gerenciam os integrantes da rede e suas mudanças nas regiões vocacionadas para o Turismo e entorno, bem como àquelas em desenvolvimento, já

desenvolvidas, em equilíbrio em estagnação, declínio, ressurgimento ou saturação de dissolução. (14-06-2020).

PÓS PANDEMIA: COMO RECOMEÇAR CORRETAMENTE NO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO E SUSTENTÁVEL DO TURISMO NO BRASIL.

Logo após a crise do COVID-19 e a consequente e atemorizadora recessão econômica que sobrevier, trazendo em suas consequências descapitalização de todos os setores produtivos e o desemprego em massa que já se apresentam. Pelo exponencial crescimento do processo de informatização digital dos serviços, impõem-se urgentes iniciativas inovadoras com estratégias inadiáveis.

O que mudou no mundo? O mundo converteu-se num pesadelo real e virtual acrescido de uma pandemia global que descapitalizou o Planeta. Os conceitos de democracia e liberdade parecem estar sucumbindo para dar lugar a uma autocracia e despotismo *hightech* baseada na vigilância e monitoramento, doutrinação pela comunicação digital. (27-06-2020).

EMERGÊNCIA DE NOVOS PRODUTOS NO TURISMO, PÓS PANDEMIA. PREVISÃO DE QUAIS SEGMENTOS PUXARÃO A RETOMADA DO TURISMO NO BRASIL

O país já perdeu quase R\$ 90 bilhões com o COVID-19. WTCC estima que 190 milhões de empregos no setor foram afetados em todos os países.

Eventos - Congressos e Convenções *on-line* devem puxar o reinício da atividade de Turismo - temos como exemplo o WMS World Marketing Summit previsto para 2021, com a previsão de aproximadamente 600 mil participantes, terá uma duração de 48 horas e com 60 palestras, em razão dos diferentes fusos horários. Organizado pela empresa de Philip Kotler, deverá ser a grande largada para o setor. Feiras e exposições, previsão em alguns países para outubro de 2021. Convém destacar que o setor de eventos é o que mais cresce no mundo, igualmente o de Entretenimentos, festivais de música e festas religiosas. Eventos *on-line* por diferentes sites, emula o físico, oferecendo voz e imagem próxima para as comunidades do Trade.

Viagens corporativas - 17% dos viajantes de negócios se deslocam mais de 10 vezes ao ano e 62% destes executivos em trânsito adicionam em média de um a dois dias de lazer, embora a tendência desse segmento é reduzir em face da *web-conferências* corporativas e reuniões *on-line*.

Viagens de Lazer - No início, até 250 km com predominância com carro próprio ou eventualmente ônibus. Voos domésticos até três horas, o que nos leva a concluir que o Turismo doméstico local e nacional irá crescer inicialmente a partir desses parâmetros.

Concentração no home office - Pessoas estão cada vez mais optando para trabalhar em casa.

Hospitalidade - Hotelaria brutalmente atingida pela pandemia e pelo advento das plataformas e serviços que se tornaram ao longo dos últimos anos megacorporações, constituindo um verdadeiro monopólio em todos os segmentos do Turismo com grande oferta de UHs, terão de mudar significativamente seus paradigmas e suas dependências para outras atividades imobiliárias ou irão aderir ao Airbnb, hoje uma das grandes corporações do setor.

Deslocamentos - Por algum tempo ainda as pessoas darão preferência ao carro, sendo o corporativo que conseguirá alavancar o mercado de viagens aéreas.

Os vetores do início da atividade turística - Fins do século XVIII e início do XIX serão novamente lembrados com o paisagismo, áreas litorâneas, ecoturismo, montanhismo entre outros. Termalismo: com a recuperação e frequência as estações termais e, finalmente, o cassinismo, que muitos relutam ainda nesse país, porém agora se constitui um fator decisivo para a recuperação de alguns destinos turísticos, com imensa oferta de instalações de hospedagem.

Terceira idade - Ou Turismo de maturidade.

Verdes - Reservas ecológicas e parques nacionais, através de concessão em Parcerias Público-Privadas (PPP), a exemplo do Parque Nacional do Iguaçu. (28-06-2020).

O SER HUMANO HIPERMODERNO E SUA INTERIORIZAÇÃO

Uma das mais importantes explorações do ser humano, se não a maior delas, é a exploração de si mesmo, do seu próprio mundo intrapsíquico. Aprender a se interiorizar, a criar raízes mais profundas dentro de si mesmo: a explorar a sua mente e o que tem nela arquivada na memória; a questionar os paradigmas socioculturais; a trabalhar com discernimento as dores, perdas e frustrações psicossociais: aprender a desenvolver consciência crítica, a conhecer os processos básicos que constroem os pensamentos e que constituem a consciência existencial são nossos direitos fundamentais.

O ser humano, como complexo ser pensante, é um exímio pesquisador. Ele explora, ainda que sem consciência investigativa, através dos malabarismos fetais e da deglutição do líquido

amniótico. E, ao nascer, em toda sua trajetória existencial, explora o mundo que o envolve, o rico pool de estímulos sensoriais e interpreta-os.

Pelo fato de experimentar, desde sua mais tenra história existencial os estímulos sensoriais que esquadrinham a arquitetura do mundo extra psíquico, o ser humano tem a tendência natural de desenvolver uma trajetória exploratória exteriorizante. Nesse percurso, ele se torna cada vez mais íntimo do mundo em que está, o extra psíquico, mas ao mesmo tempo, torna-se um estranho para si mesmo.

O ser humano hipermoderno, em detrimento dos avanços da ciência e da tecnologia, vive a mais angustiante e paradoxal de todas as solidões psicossociais, expressa pelo abandono de si mesmo na trajetória existencial. A pior solidão é aquela que nós mesmo nos abandonamos pelo mundo. É possível nos abandonarmos na trajetória existencial? Creio que sim. Quando nós não repensamos, não nos questionamos, não nos reciclamos, não nos reorganizamos, nos abdicamos e enjeitamos a nós mesmos, não interiorizando-nos ainda que tenhamos cultura e múltiplas atividades sociais para fazê-lo. (02-07-2020).

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira das Empresas Aéreas - ABEAR. (2020). *Estatísticas da Aviação Brasileira*.

[Link](#)

Augé, M. (2013). *O antropólogo e o mundo global*. São Paulo: Vozes.

Bauman, Z. (2011). *44 cartas do mundo líquido moderno*. São Paulo: Zahar.

Bernays, E. (2004). *Propaganda*. Stanford.

Berne, E. (1995). *Análise transacional em psicoterapia*. São Paulo: Sumus.

Estulin, D. (2019). *Transevolução: A Era da iminente desconstrução da humanidade*. Campinas-SP: Vide.

Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.

NOTA

ⁱ Com autorização do autor, reproduzimos suas postagens quase diárias em sua página Facebook, com reflexões sobre o Coronavírus. A seleção dos textos foi realizada pela editoria, com auxílio do mestrando Felipe Zaltron de Sá. Os textos na sua íntegra podem ser consultados em <https://www.facebook.com/mario.beni.7>